

WORKS CITED

- AMODIO, Mark. *The Anglo-Saxon Literature Handbook*, 2014. Print.
- BROCKES, Emma. George Saunders: A Life in Writing. *The Guardian*, London, 2013. Retrieved from: <http://www.theguardian.com/books/2013/jan/12/george-saunders-interview-tenth-of-december>
- BROWN, Mark. George Saunders becomes first winner of UK's newest literary prize. *Arts Correspondent*, UK, 2014. Retrieved from <http://www.theguardian.com/books/2014/mar/10/george-saunders-tenth-of-december-first-winner-olio-prize>>
- CLARK, Alex. George Saunders: 'The things we felt about American culture couldn't be reached by simple realism. It had to be a little nutty', *The Guardian*, US, 2014. Retrieved from <http://www.theguardian.com/books/2014/mar/13/george-saunders-olio-prize-winner-interview>
- COWLES, Gregory. Rays of Hope: 'Tenth of December' by George Saunders. *The New York Times*, New York, 2013. Retrieved from http://www.nytimes.com/2013/02/03/books/review/tenth-of-december-by-george-saunders.html?_r=1
- RANKIN, Estelle M, and Barbara L. MURPHY. *Ap English Literature, 2014-2015*, 2013. Print.
- ROBERTS, Jason. Review: George Saunders' Braindead Megaphone. *SF Gate*, US, 2007. Retrieved from <http://www.sfgate.com/books/article/Review-George-Saunders-Braindead-Megaphone-2502033.php>
- GOOGLE TALKS. Authors @ Google: George Saunders. 2007. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=EQS65RAeoJU>
- SAUNDERS, George. *The Braindead Megaphone*. 2007. Riverhead Books.
- SIMMS, William G, James E. KIBLER, David MOLTKE-HANSEN, and Ehren FOLEY. *William Gilmore Simms's Selected Reviews on Literature and Civilization*, 2014. Internet resource.
- TARNOFF, Ben. *The Bohemians: Mark Twain and the San Francisco Writers Who Reinvented American Literature*. 2014. Print.
- WILLIAMSON, Jennifer A. *Twentieth-century Sentimentalism: Narrative Appropriation in American Literature*. 2014. Print

PORTUGAL – BRASIL – ÁFRICA:**RELAÇÕES HISTÓRICAS, LITERÁRIAS E CINEMATOGRAFICAS****CRISTINA COSTA VIEIRA, PAULO OSÓRIO E JOSÉ HENRIQUE MANSO (COORD.)****Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2014****484 páginas, ISBN: 978-989654-148-4**

O triângulo intercontinental Portugal – Brasil – África revela-se de extrema importância no que respeita à consolidação das potencialidades estratégicas da Língua Portuguesa. Num cenário de crescente globalização alimentada pela economia de mercado, o valor emergente dos países de expressão portu-

guesa fortifica-se nos vetores culturais e linguísticos, baluartes de uma urgência política que não pretende ficar relegada à periferia. Assim, as perspectivas de reflexão por via da História, da Literatura e do Cinema apresentam-se como veículo privilegiado de afirmação da *lusofonia* a nível global.

Neste sentido, o livro em apreço resulta do *I Congresso Internacional “Portugal – Brasil – África: relações históricas, literárias e cinematográficas”*, realizado em 2012 na Covilhã, sob a alçada do Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior. Não se trata, todavia, das atas correspondentes ao Congresso, uma vez que a obra não inclui os textos de alguns participantes tão relevantes como o escritor cabo-verdiano Germano Almeida ou o angolano José Eduardo Agualusa. Apesar disso, não deixa de constituir uma valiosa coletânea que, através dos seus excelentes e numerosos artigos, almeja estabelecer conexões interdisciplinares entre os espaços geográficos em questão. Grande parte dos ensaios é oriunda de pensadores portugueses e brasileiros; verifica-se, no entanto, que as matérias são distribuídas de forma equilibrada pela tríade continental dos universos culturais. Quanto à estrutura propriamente dita, o livro encontra-se dividido nas suas três secções temáticas: cinco artigos dedicados às relações históricas, catorze às relações literárias e seis às relações cinematográficas.

Na intenção de obter uma visão de conjunto, iniciamos pelo plano histórico.

Aqui distingue-se, pela sua verrumante atualidade, um ensaio a cargo de Luís Filipe Madeira que aponta a inexistência de um vocábulo português tradutor do inglês “accountability”, conceito adequado para medir a corrupção parasitária da democracia. Mudando de prisma, evidencia-se um outro texto da etnóloga e artista plástica guineense Manuela Jardim, que disserta sobre a origem e diversidade nas cores e padrões dos chamados *panos d’obra*, comuns em Cabo Verde e Guiné-Bissau. Contudo, de entre todas as propostas, destaca-se o artigo de Kamila Krakowska Rodrigues intitulado “As viagens pós-coloniais de Macunaíma”, no qual a estudiosa problematiza a formação da identidade brasileira, tanto do ponto de vista do seu relacionamento com a antiga metrópole, como na perspectiva da herança cultural ameríndia e africana. Partindo da famosa obra do brasileiro Mário de Andrade, Krakowska reconhece que, em *Macunaíma*, a influência dos diferentes povos não se resume a um exercício ideológico ou estético. Krakowska sublinha a intuição do escritor relativamente ao processo de convergência no qual a cultura nacional brasileira terá sido forjada *contra* a cultura portuguesa colonial e *a partir* dos núcleos culturais africanos ou das várias tribos índias. Por isso, o romance modernista de Mário de Andrade preconiza uma nova qualidade (um “profundo sincretismo cultural”) cuja herança não pode ser traçada de forma linear. Nessa linha de pensamento, socorrendo-se de Homi Bhabha, a

ensaísta salienta que o discurso pós-colonial não consiste apenas em inverter as relações do poder entre o colonizador e o colonizado, mas corresponde, de igual forma, a um “complexo processo de redefinição de toda a rede de símbolos que compõem o imaginário social da comunidade pós-colonial” (p.55). Deste modo, Krakowska envereda por uma análise pertinente das diferentes fronteiras propostas no Brasil “desgeografizado” de *Macunaíma*, obra onde identifica um convite para repensar as questões de transculturação, da hibridização e dos trânsitos culturais inerentes à nação brasileira.

Entramos agora na parcela dedicada às relações literárias: esta secção abre com um artigo de António dos Santos Pereira que aborda a repercussão ao mais alto nível dos textos de José Saramago no Brasil e a sua importância na obtenção do Prémio Nobel. Em “José Saramago e o Brasil: como as Terras de Vera Cruz descobriram um escritor português e este chegou ao Nobel”, Santos Pereira realça a coincidência das problemáticas de *Levantado do Chão* às do Movimento dos Sem Terra e à poesia de João Cabral de Melo Neto. De acordo com o ensaísta, esse emparelhamento fez aumentar a adesão dos meios cultos e militantes brasileiros ao escritor português, continuando a gerar entusiasmo quando Saramago iniciou uma trajetória de maior rasgo criativo com *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* ou *A Jangada de Pedra*. O papel da intelectualidade brasileira na atribuição

do Prémio Camões em 1995, que tornou Saramago, na altura, “o mais habilitável escritor de língua portuguesa ao Prémio Nobel” (p.117), encontra-se bem vincado no seu relacionamento próximo das figuras de Jorge Amado, António Houaiss e Óscar Niemeyer; bem como nas contribuições decisivas – segundo António dos Santos Pereira – que constituíram o prefácio do autor alentejano à obra *Terra* do fotógrafo Sebastião Salgado, ou ainda o facto de os músicos Chico Buarque e Milton Nascimento terem composto um tema precisamente denominado *Levantados do Chão*.

Avançando nas relações literárias, as latitudes moçambicanas são dignas da atenção de Giulia Spinuzza, num ensaio dedicado ao extraordinário poeta Eduardo White, recentemente malogrado. Numa ótica original, o artigo “A lição das palavras: a poesia de Eduardo White” averigua os aspetos metapoéticos dos textos do autor moçambicano centrados na conexão entre escrita, voo e navegação. Focando-se nas obras *Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de Ser Ave* (1992) e *Dormir com Deus e um Navio na Língua* (2001), Spinuzza revela como a poesia de White, enquanto antropomorfização da escrita e bagagem cultural heterogénea, encena o processo-base duma criação poética que se serve de um conjunto invulgar de metáforas aéreas e aquáticas.

Nesta profícua secção dedicada à literatura podemos salientar mais participações, nomeadamente a de María Jesús Fernández, em estudo sobre Oliveira

Salazar e Getúlio Vargas como personagens de ficção nas narrativas portuguesa e brasileira); de Arnaldo Saraiva com novos contributos sobre a estada de João Cabral de Melo Neto no Porto e a sua relação com o meio literário português; ou ainda do ensaísta brasileiro Gilberto Mendonça Teles, uma reflexão sobre o mito camoniano. Porém, terminando o segmento, não nos passou despercebida a abordagem da investigadora Susana Magalhães Pimenta ao injustamente esquecido romance, *Terra Morta*, do escritor angolano Castro Soromenho. Com grande assertividade, constata-se que a imagem do “outro” assente na dicotomia identidade/alteridade e no binómio colonizador/colonizado dissipa-se à medida que a consciência política vai tomando corpo naquela que é, porventura, a obra mais célebre da chamada “Trilogia do Camaxilo”. Com efeito, a leitura de “O Outro nas relações interculturais presentes em *Terra Morta*, de Castro Soromenho” permite uma análise das relações entre brancos e negros no contexto do colonialismo português, levantando questões incómodas para a imagem do Império Colonial. Nesse intuito, o artigo de Susana Magalhães Pimenta assevera como Castro Soromenho documentou a colonização portuguesa, comprometendo-se a mudar a realidade opressiva ao assumir-se agitador da *boa* consciência dos colonizadores.

Chegando à terceira e última parte do livro, a das relações cinematográficas, começamos por assinalar uma feliz cor-

respondência entre o ensaio de Alberto da Silva, e o de Ana Catarina Pereira. Ambos se apoiam numa visão feminista do cinema: enquanto o primeiro discorre sobre “Política, poder e género nos filmes realizados pelas mulheres dos anos da ditadura brasileira”, o segundo analisa “*A costa dos murmúrios e Natal 71*: memórias da Guerra Colonial recriadas pelo olhar de Margarida Cardoso”. No caso do Brasil, Alberto da Silva demonstra como, a partir da década de 1970, as realizadoras deste país dirigiram vários filmes onde sobressaem questões relativas à subjetividade, ao corpo feminino, à família e à autoridade patriarcal. Já relativamente à adaptação ao cinema do romance de Lídia Jorge, datada de 2004, a reflexão da ensaísta esclarece que, para além de constituir um filme de guerra, *A Costa dos Murmúrios* é também um filme de mulheres, como atesta a centralidade das duas personagens femininas na trama; e igualmente um filme de memórias da Guerra Colonial vivida pela própria realizadora, o que torna a sua filmografia tão pessoal quanto questionadora das ténues fronteiras que separam o autor da sua obra. Por outro lado, Ana Catarina Pereira realça que todo este repositório tinha sido trabalhado por Margarida Cardoso em 1999 no documentário *Natal 71*, baseado em arquivos pessoais de familiares. Nessa obra, as recordações da infância passada em Moçambique despoletam um processo de investigação sobre as contradições e ambiguidades do período de ditadura fascista. Assim,

o artigo acaba por beneficiar do cotejo entre filme e documentário, notabilizando os ciclos intermináveis de reprodução de uma identidade estabelecida mas subjetivamente alterada.

Por fim, centremos o nosso olhar num ensaio arguto de Marcelo Carvalho que rastreou a presença de elementos das culturas negras na cinematografia de Glauber Rocha. Levando em conta o superlativo artístico (formal e temático) deste realizador, o mesmo será dizer que foram contempladas as suas películas nas quais a “africanidade” como modo de existência é considerada sob a ótica revolucionária: *Barravento* (1962), *O Leão de Sete Cabeças* (1971) e, se bem que de forma indireta, *A Idade da Terra* (1980). Destarte, o artigo “África em transe: propostas glauberianas para a diáspora africana” investiga o posicionamento do cineasta face à problemática das culturas africanas nos contextos de exploração capitalista, religiosidade e praxis revolucionária. Marcelo Carvalho discerne que o devir revolucionário e metafórico africano em Glauber Rocha encontra resolução num projeto de redenção pelo sincretismo, concretizado de formas diversas, englobando a identificação das potencialidades das forças sociais autóctones. De maneira sagaz, o ensaísta conclui que esse recurso ao sincretismo não isenta as transformações redentoras que operam pela miscigenação de forças heteróclitas, culturalmente distantes e mesmo contraditórias entre si.

Em suma, estes e outros textos incluídos em *Portugal – Brasil – Afri-*

ca: Relações Históricas, Literárias e Cinematográficas manifestam-se como um contributo de enorme utilidade e alicerce teórico para a valorização das culturas de Língua Portuguesa nos três continentes evocados. Neste propósito, o livro é capaz de articular uma panóplia de pensadores de variadas instituições, imprimindo novas possibilidades de relacionamento entre áreas científicas e artísticas que, até aqui, não tinham sido entrelaçadas.

Paulo Branco Lima

**THE LUSOPHONE WORLD:
THE EVOLUTION OF PORTUGUESE
NATIONAL NARRATIVES.**

SARAH ASHBY

Brighton: Sussex Academic Press, 2017

When in the 1981 the Portuguese rock band GNR (short for Guarda Nacional Republicana — the military police established during the 1st Republic — but also for “Grupo Novo Rock”) released the hit “Portugal na CEE” (Portugal in the EEC), the voice of Alexandre Soares shouted those that were perhaps the deepest aspirations of most Portuguese: “Quero ver Portugal na CEE / E agora, que já lá estamos / vamos ter tudo aquilo que desejamos / um PA p’ras vozes e uma Fender / Oh boy, é tão bom estar na CEE” (I wanna see Portugal in the EEC / And now that we’re there / we’re gonna have all we desired / An amplifier for the voices and a Fender